

## REPRESENTAÇÕES BUCÓLICAS

### EM *GEÓRGICAS*, DE FERNANDO ECHEVARRÍA

365

JOÃO MINHOTO MARQUES  
(Univ. do Algarve)

É sob o signo do tempo que a obra *Geórgicas*, de Fernando Echevarría, se organiza e que, simultaneamente, propõe um modo ou um modelo de inteligibilidade. Mais precisamente: trata-se, por um lado, de um olhar sobre a origem do mundo, sobre a ocupação do espaço pelo homem, sobre a subsequente memória da vida humana; trata-se, por outro lado, da construção de uma forma de nomear o que já vem depois do tempo, sob a designação de “história”: «De dentro de si mesmo, o tempo espria/ somente a sua própria paração./ A história tem aí lugar.» (p. 19<sup>1</sup>). Esta “história” tem, assim, um inusitado carácter dinâmico e universal; ela é entendida em directa articulação com o trabalho – um dos elementos centrais da obra de Fernando Echevarría. Revisitar a memória narrativa do *Génesis* é, mais do que invocar um lugar onde se ancoram as possibilidades de dizer o tempo, propor aquilo a que Eduardo Prado Coelho chama a “impensabilidade da origem” (Coelho: p. 8). E quer seja devido à necessidade de dizer o que não pode ser pensado (instaurando-se assim uma ruptura na unidade primordial que configura a nossa própria condição cindida), – quer seja devido a essa necessidade de dizer o que não pode ser dito (porque, no início, «a tudo presidia, não palavra,/ mas o silêncio na palavra inscrito» – p. 10), quer seja por isso, quer seja pela própria história de Adão e Eva, – a verdade é que no início de *Geórgicas* se inscreve uma fractura e a nostalgia do que se perdeu: «Só o sigilo garantiu o incerto/ cunho de luz. Para que a paz dos anos,/ a peregrinação e o silêncio/ sanassem essa cicatriz de andarmos/ a procurar aquilo que tivemos» (p. 32).

O lugar do início (também desta obra) é, assim, o lugar da criação da história como possibilidade de nomeação: por um lado, estamos perante a definição de um campo sacro; por outro, perante uma proposta de explicação actuante – no sentido em que, evocando um modelo (o bíblico), o próprio texto ocupa um lugar demiúrgico. Isto tem como consequência *situar* o grande tema do livro (o trabalho, nas suas diversas ocorrências) em dependência da referida fractura – até porque a história contada tem um carácter de exemplaridade, tal como se pode ver pelo início do último poema da secção que tem por título «Nascimento do pastoreio»: «Vamos trazendo da

<sup>1</sup> Todas as citações de *Geórgicas* dizem respeito à edição utilizada: Fernando Echevarría, *Geórgicas*, Porto, Edições Afrontamento, 1998.

poeira arcaica/ a assombração convicta de uma história/ que, sendo antepassada,/ entra por um futuro que a retoma./ Mas, sobretudo, a alarga/ a páramos de luz.» (p. 52).

O modelo do texto bíblico está patente em *Geórgicas*, pelos motivos que temos vindo a apontar. Mas será o título homónimo de Virgílio igualmente uma instância modelar neste livro de Fernando Echevarría? Têm sido diversas as vozes a chamarem a atenção para a distância entre ambos os textos (vejam-se, por exemplo, as opiniões de Fernando J. B. Martinho ou de Gustavo Rubim<sup>2</sup>), preferindo-se acentuar o jogo semântico produzido pela dimensão etimológica da palavra *Geórgicas*, isto é, o “trabalho da terra” como metáfora do trabalho poético, ou, como afirma Maria João Reynaud, a «correspondência que se estabelece entre o *lavor* da terra e o *lavor* da obra poética» (Reynaud: p. 179). Nesta linha, parece lícito afirmar que da lição de Virgílio terão estas *Geórgicas* aprendido, pelo menos, três coisas: em primeiro lugar, o intenso olhar sobre a terra, sobre as actividades humanas centradas no mundo natural, sobre o reino animal e vegetal e a atenção ao passar do tempo sazonal; em segundo lugar, um, se bem que de diferente tipo, certo discurso pedagógico que, não tendo o cunho quase prescritivo que é visível em Virgílio, deriva naturalmente de um olhar *sage* proveniente da velhice; por último, uma consciente nostalgia – a qual, sendo em Virgílio, mitigadamente, a da idade de ouro, atenuada por certo grau de idealização do trabalho campestre e da visão do campo, é, em Echevarría, a representação do paraíso perdido, mas também achado.

A propósito deste último aspecto, convirá recordar que onde ele é central é no código estético do bucolismo; como afirma José Augusto Cardoso Bernardes, «o bucolismo responde à necessidade estética que o Homem tem de perspectivizar a sua relação com o Tempo (o mito da idade edénica, tipicamente pastoral, ocupa neste contexto um papel primacial)» (Bernardes: p. 15). Ora, juntamente com os *Idílios*, de Teócrito, são as *Bucólicas*, de Virgílio, e não as suas *Geórgicas*, os textos fundadores da tradição literária do bucolismo, cujo género permanece activo até muito tarde. Porém, se é verdade que não se poderá considerar as *Geórgicas* virgilianas como um texto pertencendo especificamente ao domínio da pastoral, o certo é que, como afirma Terry Gifford, elas «revelam o processo pelo qual um natural comprazimento no trabalho, em harmonia com as estações do ano, se pode tornar, na pastoral, uma idealização da estabilidade – a qual fornece uma crítica implícita aos turbulentos afazeres da cidade» (Gifford: p. 20<sup>3</sup>). Quer dizer: o bucolismo, centrando-se sobre as *Bucólicas*, terá lido nas *Geórgicas* um certo modo de construir, de consolidar a oposição cidade/campo que lhe é fundamental. Aliás, o mesmo autor afirma explicitamente que «o que é significativo para o posterior desenvolvimento da pastoral é o facto de a idealização dos valores campestres ser feita por Virgílio explicitamente como crítica à vida na cidade» (*idem*: p. 19<sup>4</sup>), citando, como caução do raciocínio, o final do segundo livro das *Geórgicas*.

<sup>2</sup> Afirma Fernando J. B. Martinho: «Amor à terra, aos homens que a povoam e trabalham, aos bichos que dela vivem, às cores, às formas, aos volumes de que se faz o mundo, às luzes, penumbras, sombras que o transfiguram e lhe dão consistência. É disso que fala este livro, nascido das fontes de um ‘silêncio interior’ que o rumor do mundo contemplado e entendido não perturba. Lembrar, pela coincidência do título, Virgílio, só por esse amor, que não por qualquer precisa memória intertextual, para lá daquela que se faz, num e noutro, respeito, sacral, pela Criação.» (Martinho: p. 69); segundo Gustavo Rubim, «Seria equívoco tomar pelo seu valor facial a alusão virgiliana que o título deste livro apresenta. O que Fernando Echevarría propõe não é decerto um regresso a Virgílio como programa para uma poética futura, nem a sua escrita parece disponível para uma reapropriação classicista. Mas uma interpretação quase etimológica desse título, remetendo-nos à terra e ao seu trabalho, junto com a estrutura do livro, indicam o horizonte cosmológico de uma poesia entregue à investigação das origens e, nesse sentido, ela mesma necessariamente religada à memória das suas próprias origens.» (Rubim: p. 122).

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> Tradução nossa.

À tradição do bucolismo, não são, portanto, totalmente estranhas as *Geórgicas* virgilianas; só esse facto bastaria para nos interrogarmos acerca do papel que tal tradição ocupa no texto de Fernando Echevarría – sobretudo quando, nele, o tratamento do tempo, por exemplo, recobre um tema fundamental da pastoral (o do paraíso perdido), olhado, aliás, igualmente, no âmbito do sagrado (e, neste sentido, sob a perspectiva de uma tradição cristã da pastoral). A pertinência de tal leitura das *Geórgicas* de Fernando Echevarría terá ainda em conta, naturalmente, um entendimento modal do bucolismo, na esteira do que tem vindo a ser proposto por diversos estudiosos deste domínio<sup>5</sup>. De facto, compreender o bucolismo como modo implica reconhecê-lo como actuante num plano transtemporal. Isto não significa que o esqueçamos enquanto género, e, portanto, que o não consideremos num plano histórico, ligado às transformações que os códigos que regem os géneros sofrem; significa, antes, que a sua existência não pode ser ligada apenas ao passado, e que a sua permanência contribui para a compreensão do modo como se configuram certas linhas de sentido da nossa modernidade literária, sem rejeições da história.

Deste modo, ao olharmos para a tradição greco-latina do bucolismo, uma das figuras que tem especial relevo é, como se sabe, a figura do pastor, uma vez que é este o responsável pelo canto bucólico. Também na linhagem cristã da pastoral, o referido pastor ocupa um lugar central: no *Evangelho Segundo São Lucas* é aos pastores que os anjos anunciam, em primeiro lugar, o nascimento de Cristo; a verdade é-lhes comunicada por, justamente, possuírem as qualidades que os tornam aptos a (e dignos de) ouvirem a revelação – eles são, de facto, símbolos da bondade e da simplicidade naturais; por outro lado, o pastor é recorrentemente utilizado como metáfora do discurso crístico e, como lembra Francisco López Estrada, «o Senhor é, segundo Santo Agostinho, *Pastor pastorum*» (López Estrada: p. 154<sup>6</sup>).

Não será, por tudo isto, estranho que, numa obra em que a dimensão do bucolismo ocupa lugar fundamental, como é o caso das *Geórgicas*, de Fernando Echevarría, à figura do pastor seja concedido relevo particular. De facto, ao compulsarmos o volume, constatamos imediatamente que são dois os conjuntos de poemas organizados sob a temática da pastorícia: intitulam-se «Nascimento do pastoreio» (que compreende 8 poemas – pp. 45-52) e «Pastoreio» (que abarca 21 poemas – pp. 53-73). Como se pode depreender pelas designações de ambos os conjuntos, o texto enfatiza sobretudo a actividade do pastor, o carácter processual e dinâmico da relação do homem com o outro – quer este seja ele próprio, Deus, os animais, a natureza, ou o tempo. Mas uma outra questão parece ressaltar das designações destes grupos de poemas: pela posição ordenadora que ocupam no âmbito do livro, situam-se ao mesmo nível de outras nomeações que regem outros conjuntos temáticos; referimo-nos, nomeadamente (exceptuando o primeiro grupo de 18 poemas que aparece inominado, isto é, o que diz, curiosamente, respeito à narrativa do *Génesis*), a: «Adão e Eva» – designação repetida duas vezes, contemplando dois conjuntos de nove poemas que referem o tempo anterior à expulsão do Paraíso, bem como o que se lhe segue; vários nomes que dizem actividades ou profissões ligadas à vivência rústica do homem, concretamente: «Os lavradores» (10 poemas), «Semeador» (30 poemas), «Lavadeiras» (32 poemas), e ainda «Lavrador» (agora no singular – 26 poemas); encontramos ainda núcleos temáticos enquadrados sob a designação de: um objecto ligado ao trabalho e um elemento que neste é usado («Enxada» – 3 poemas e «Poço» – 5 poemas, respectivamente); um pro-

<sup>5</sup> Numa das mais recentes visões de conjunto sobre a problemática do bucolismo, Paul Alpers reafirma a necessidade de o considerar como modo, dizendo mesmo: «It is clear that pastoral has consciously modal interests» (Alpers: p. 50).

<sup>6</sup> Tradução nossa.

duto concreto do mesmo trabalho («Vinho» – 3 poemas); um tempo próprio ao repouso («Sesta» – 40 poemas); um elemento do mundo natural («Castanheiro» – 16 poemas); finalmente, encontramos nomeações de vivências concretas do Homem na sua relação com o tempo e com a morte («Morte da Beliza» – 16 poemas), bem como com Deus: «Oração da noite» (4 poemas) e «Oração da manhã» (26 poemas). Desta longa enumeração parece podermos concluir do relevo concedido ao lugar ocupado pelo Homem na sua relação com a natureza, consigo próprio e com Deus, nesta poesia; parece ainda podermos concluir da atenção votada especificamente aos ofícios – até pelo grande número de poemas em que o tema do trabalho é glosado. Mas se, como dizíamos, todas estas instâncias estão nomeadas na obra a um mesmo nível formal, pelo lugar estrutural que ocupam, poder-se-á pressupor algum teor de equivalência semântica entre, pelo menos, algumas delas. O caso que mais se nos afigura digno de nota é o das profissões rurais (ou as que tradicionalmente são desempenhadas num espaço rural); neste sentido, lavrador, sementeiro, lavadeira e, claro, pastor, poder-se-iam ler como diversas faces de um mesmo.

Esta questão é tão importante quanto se sabe que o discurso bucólico moderno se caracteriza pela atenção votada à relação do homem com a natureza e pelo lugar central por ambos ocupado. Referimo-nos, concretamente, aos poetas em que é visível uma clara preocupação – não com uma natureza meramente idealizada ou regida por convenções que reconhecemos na tradição bucólica greco-latina, mas sim com um lado humano e até, poderíamos dizer, mais realista e problematizado de ambos (homem e natureza). Não estamos, bem entendido, a sugerir que o convencionalismo da representação da natureza seja “desumano”; isso seria esquecer o lado ético da bucólica clássica, bem como certas motivações ideológicas que lhe são próprias. Limitamo-nos a notar que o bucolismo, na modernidade, entende de uma nova forma a acção do homem no mundo natural, enquanto pensa ambos segundo as novas coordenadas do tempo a que pertence.

No livro de Fernando Echevarría, de facto, a articulação da figura do pastor com as restantes que dizem profissões sublinha a relação do homem com a terra, assente no trabalho. Neste sentido, o pastor parece funcionar, nas *Geórgicas*, como nó central para onde convergem diversas leituras da pastoral: a da tradição greco-latina, por um lado; a da tradição cristã, por outro. No que a esta diz respeito, lembraríamos a caracterização de Maria João Reynaud de *Geórgicas* como uma «deslumbrante liturgia da terra» (*idem*: p. 77): «Numa perspectiva transcendental do religioso, o trabalho da terra surge como um acto fundador, que marca simbolicamente a *re-ligação* do humano ao sagrado e vem coroar a evolução espiritual do homem dentro de uma ordem mais vasta, regida por um princípio absolutamente divino» (*idem*: p. 77). E se, como afirma ainda a autora, a «terra é a matriz imensa e fecunda da vida (...) [e] símbolo de uma profundidade misteriosa, que é fonte do conhecimento poético» (*idem*: p. 78), o trabalho sobre ela ilumina, enquanto metáfora do próprio trabalho poético, a poesia e o seu artífice. Aliás, o poeta, para Fernando Echevarría, é o «homem que tem por ofício *fazer poesia*» – como ele mesmo afirmou num texto publicado em 1961, intitulado *Arte e ofício* (Echevarría: p. 6). Por outro lado, a dimensão gnoseológica, oficial e processual da *ars*, de tão longa tradição no ocidente, por via aristotélica e horaciana, tem ainda relação directa com o imaginário cristão – não só a necessidade do trabalho é uma consequência da fractura primitiva, como veículo de aperfeiçoamento espiritual. Nesta medida, como afirma Gustavo Rubim, «o pastoreio deste livro tem uma autonomia poética que, de certo modo, o faz funcionar em segundo grau: figura da mais arcaica relação do homem com o espaço da terra, ela torna-se via de acesso ao sentido da permanência e, portanto, forma de percepção primordial do tempo» (*idem*: p. 124). É

esta mesma relação com o tempo que é dita num poema de Echevarría onde parecem ouvir-se ecos de uma outra visão moderna (e extrema) da pastoral (a de Alberto Caeiro): «Pastores de horas. Ou, nem isso. Apenas/ vamos levando ao que fica/ um augusto vagar de inteligência/ que só a velhice elucida./ E, mais ainda, reajusta a tenda/ para que o tempo lhe eternize a mítica/ brancura de refúgio./ Onde se pensa,/ e de onde a idade, abstracta, se retira./ Só o pastoreio sobrevive.» (p. 62).

Por outro lado, lembremos que a figura do pastor recobre, na sua relação com o divino, o acto sacrificial pelo qual se actualiza a memória da presença de Deus no Homem; é ele o guarda dos animais oferecidos em holocausto, transformando-se, assim, num elo simbólico que, depois, se tornará transcendental, definitivo e permanente, tal como é dito pelo primeiro poema da secção «Pastoreio»: «De aí que esteja perto/ esse pacto de vítima e de espírito/ que há-de erguer dignidade ao pastoreio./ Aonde se presente quanto é íntimo/ apenas o sagrado a revelar-se externo.» (p. 53). Esta “dignidade” de uma profissão simples, é condição, como vimos, de acesso à sabedoria (referimo-nos à revelação), e pode ainda ser lida numa outra ocorrência do caminho da perfeição – nomeadamente na condição de nómada e de peregrino que o pastor também é. Esse «errar de estirpe» (p. 57), cuja raiz, de antiga memória, provém da falta adâmica, figura a expiação da culpa a que está condenado o homem – uma vez mais, a nostalgia da unidade perdida, via de descoberta de si próprio e de aperfeiçoamento espiritual: «E, de aí por diante, o espaço alarga/ a sequidão. A demandar caminhos,/ com rebanhos de sede a estremecer na vara/ que se punge do poço pressentido./ Desperta o homem à utilidade. A água/ puxa vias ao gado. Funda sítios,/ aonde o ócio cresce pelo mapa/ de afinco na procura de sentido./ O pastoreio destrinça essa enigmática/ antiguidade infusa de caminhos.» (p. 54).

Uma das questões que se nos afigura essencial, na bucólica de Fernando Echevarría, é, como afirmávamos, a confluência, na sua poética, e por via do pastor, de elementos provenientes das tradições greco-latina e cristã. No poema citado, por exemplo, encontramos o *otium* teocritiano e virgiliano relido à luz do sagrado: «A água/ (...) Funda sítios,/ aonde o ócio cresce pelo mapa/ de afinco na procura de sentido.». Cremos entenderem-se melhor estes versos se pensarmos no modo como o ócio foi associado, na referida tradição cristã, à condição contemplativa do pastor – e, portanto, à sua condição salvífica: a auto-contemplação traduzir-se-ia em aperfeiçoamento interior que conduziria à salvação do Homem. Não será, por isso, estranho que encontremos toda uma secção das *Geórgicas*, de Fernando Echevarría, dedicadas ao ócio: referimo-nos à que tem por título «Sesta» (pp. 190-229). E, devido às razões apontadas, não será também estranho que aí encontremos um «anjo farinhento [quel dissimula/ o surdo ruído e a aflacção das asas/ na branca escuridão» (p. 193) e, até, esta reinvenção de um *locus amœnus* nos rigores do Verão: «Vinham os campos demonstrar a sede./ A suspensão retinha da poeira/ só o estio quase a estrepitar./ (...) Talvez, lá pela noite, a luz argente/ o murmúrio das águas. Com a rega/ nutrindo sulcos. E a noite, sempre/ estacando o aumento cereal das trevas.» (p. 194). A representação do espaço natural na poesia de Fernando Echevarría opera frequentemente uma superação dos elementos disfóricos, transfigurando-os por via do sagrado. Não se trata de elidir o que há de doloroso na vida humana, ou na natureza, mas sim de pôr em prática uma vidência que provém da sabedoria de quem doa o discurso, transfigurando, pelo poder da palavra luminosa, o mundo que se contempla e que se conhece: «É no verão que se estuda,/ não o calor canicular, a carga/ imóvel da extensão, mas a frescura./ No pino do verão há uma aridez que pára/ granítica na luz. E volve a cúpula/ do estio, mineral laboratório para,/ em arcaicos vestígios de estrutura,/ inculcar a humidade necessária/ às árvores.» (p. 221).

Em *Geórgicas*, de Fernando Echevarría, podemos surpreender algumas das marcas constitutivas do bucolismo moderno, as quais se integram, nesta obra, numa mundividência sacra, simultaneamente convivendo com a tradição cristã da pastoral; refletindo-se sobre o tempo da Criação, é do trabalho do Homem que se trata, medido pelas orações da noite e da manhã com que termina o livro.

«De trabalho, de graça, de utensílios/ se fez a assombração desta lavoura» (p. 255) – diz-se no poema imediatamente anterior à secção «Oração da noite»; poderia ser este o balanço da viagem que *Geórgicas* traça. Porém, o verdadeiro balanço consiste num discurso de esperança: reencontro da Arcádia, redescoberta do Éden que o poeta conosco partilha neste soneto, também ele «lavoura/ de luz interior» (p. 198): «Dá-lhes a paz. Um carrilhão repleto,/ de repente só flor dominical/ a que o limbo de luz de cada objecto/ devolva o júbilo da paz geral.// Dá-lhes a paz. Ondículas a celha/ iluminem no bordo nupcial/ de correnteza, onde, um momento, a abelha/ cruze de sol e hesite, musical.// Dá-lhes a paz. E ainda a paz. E ainda/ celhas e carrilhões e, em cada lado,/ água que abunde pela terra infinda// de música e de mel. E um ar dourado/ rumoreje de trigo pela quinta/ de perpétuo domingo consagrado.» (p. 209).

**Obras citadas**

- ALPERS, Paul  
1996, *What is Pastoral?*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso  
1988, *O Bucolismo português. A égloga do Renascimento e do Maneirismo*, Coimbra, Livraria Almedina.
- COELHO, Eduardo Prado  
1999, «Estremecem as fronteiras», in *Público*, Supl. "Leituras", 20 de Novembro, p. 8.
- ECHEVARRÍA, Fernando  
1961, «Arte e ofício», in *O Comércio do Porto*, 26 de Setembro, p. 6.
- GIFFORD, Terry  
1999, *Pastoral*, London and New York, Routledge.
- LÓPEZ ESTRADA, Francisco  
1974, *Los libros de pastores en la literatura española*, Madrid, Editorial Gredos.
- MARTINHO, Fernando J. B.  
1999, «Fernando Echevarría. *Geórgicas*», in AAVV., *Uma Lavoura de Luz Interior. Estudos em homenagem ao Poeta Fernando Echevarría, nos seus 70 anos*, Porto, Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa / Cooperativa Árvore / Edições Afrontamento, pp. 68-69.
- REYNAUD, Maria João  
2001, *Fernando Echevarría – Enigma e transparência. Ensaios*, Porto, Edições Caixotim.
- RUBIM, Gustavo  
1999, «O arcaico saber», in *Relâmpago. Revista de poesia*, n.º 4, pp. 122-124.